

MARCADORES DE GÊNERO: UMA PISTA PARA IDENTIFICAR A FICCIONALIZAÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS

Florencia MIRANDA
(Universidad Nacional de Rosario, Argentina e
Universidade Nova de Lisboa, Portugal)

ABSTRACT: In this work, I present the notion of “genre marker” and I discuss its role for the identification of the generic crossings, specifically in the case of the fictionalization of textual genres. The notion of “genre marker” shows the units and the semiolinguistics mechanisms that allow pointing a certain textual genre. Therefore, the notion of “genre marker” is a semiotics clue that allows identifying (or showing) in the texts, their generic inscription. The introduction of this notion in the genres study areas pretends to deepen the debate around the problematic of the textual genres identification – that is, undoubtedly, one of the crucial question in this area. In this work, the markers are observed in cases where generic crossings are verified in the same text, meaning that one of the genres in interaction is fictionalized.

KEYWORDS: genre; genre marker; identification; intertextualization; fictionalization.

1. Introdução

O objetivo do presente trabalho é duplo: por um lado, apresentar a noção de “marcador de gênero” e, por outro, observar como estes marcadores colaboram para identificar cruzamentos genéricos no interior de um texto, focalizando, especificamente, o caso da ficcionalização de um dos gêneros em interação. A noção de “marcador de gênero” foi proposta no quadro da minha pesquisa de doutorado intitulada “*Textos e gêneros em diálogo – uma abordagem lingüística da intertextualização*”¹ e dá conta dos elementos semiolinguísticos realizados nos textos que permitem indiciar um determinado gênero textual.

O trabalho será iniciado por uma apresentação teórica da noção. Depois, será abordada a questão dos cruzamentos genéricos, através da apresentação do conceito de “intertextualização”. Finalmente, observaremos dois exemplos concretos de textos em que o processo de intertextualização se realiza. Estes casos permitirão mostrar o papel dos marcadores na identificação dos gêneros em interação e, particularmente, o modo como contribuem para o reconhecimento do jogo de ficcionalização.

2. A noção de “marcador de gênero”

Para definir a noção de “marcador de gênero” é preciso explicitar alguns dos pressupostos que sustentam e justificam a sua existência.

Em primeiro lugar, assumo, seguindo Bronckart (2004, p. 105, entre outros), que no processo de produção textual há uma fase estratégica em que o sujeito produtor empreende um procedimento duplo de adoção/adaptação de um “modelo de gênero”. Isto implica que qualquer texto se inscreve necessariamente em um gênero, que se atualiza em cada nova produção textual. Esta atualização não é, evidentemente, uma mera reprodução do modelo abstrato do gênero, já que o sujeito adapta este modelo de acordo com as propriedades particulares da situação de ação em que se encontra.

¹ Esta pesquisa foi realizada no âmbito do Doutorado em Lingüística (especialização em Teoria do Texto), da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), com bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) de Portugal.

Em segundo lugar, note-se que este modelo de gênero constitui uma “representação sócio-cognitiva” (MOIRAND, 2004) que os sujeitos interiorizam a partir da sua experiência com textos do gênero em causa. Os gêneros são essenciais para a comunicação linguística – tal como surge dos trabalhos do círculo de Bakhtin –, e constituem “programas de prescrições (positivas ou negativas) e de licenças que regulam a produção e interpretação de um texto” (RASTIER, 2001, p. 299). Neste sentido, o gênero pode ser concebido como uma configuração de parâmetros de textualização ou “parâmetros genéricos” (ver LEAL e GONÇALVES, neste volume e COUTINHO et al., no prelo). Estes parâmetros são dinâmicos, dado que se estabilizam e se alteram sócio-historicamente, e conformam os traços ou características que permitem reconhecer uma relativa identidade genérica.

Em terceiro lugar, tal como proponho junto a pesquisadores do Centro de Linguística da UNL², os “parâmetros genéricos” são concretizados nos textos empíricos através de “mecanismos de realização textual”. Estes mecanismos dizem respeito a toda a gestão dos recursos semiolinguísticos de um texto. A correspondência entre parâmetros e mecanismos não é biunívoca. De fato, um mesmo parâmetro poderá ser atualizado através de diferentes mecanismos, e é na especificidade dos mecanismos que radica a singularidade de cada texto. A produção textual não se reduz à aplicação mecânica de um conjunto de parâmetros rígidos. Ou seja, a existência de parâmetros genéricos, enquanto orientadores da textualização, não apaga o papel ativo dos sujeitos, que podem “jogar estrategicamente com os condicionamentos do gênero”, tal como frisa Charaudeau (1992, p.15):

Le locuteur a toujours la possibilité de jouer avec les contraintes du genre; il peut les respecter, les subvertir ou les transgresser partiellement selon ce qu’il considère être l’enjeu de son acte de communication. Du même coup, tout texte est le résultat d’une confrontation entre les *contraintes* du genre et les *stratégies* mises en place par le locuteur.

Assumindo estes pressupostos, a noção de “marcador de gênero” dá conta do funcionamento dos mecanismos de realização textual no processo de recepção/interpretação dos textos (incluindo as situações de crítica e/ou análise textual). Os mecanismos funcionam como (ou têm o papel de) marcadores de gênero na medida em que permitem identificar traços que se associam especificamente a um gênero. Sendo assim, o marcador é um mecanismo semiótico (de qualquer espécie) que funciona como pista ou indício da atualização de um parâmetro genérico com valor distintivo.

É possível identificar duas grandes classes de marcadores de gênero: os *auto-referenciais* e os *inferenciais*. Os marcadores auto-referenciais exprimem de forma explícita a categoria genérica do texto. Exemplos desta classe de marcadores são as etiquetas genéricas colocadas no peritexto de exemplares de certos gêneros (“*publicidade*”, “*romance*”, “*resenha*”, “*entrevista*”, etc.), como também os sintagmas nominais que, integrados no corpo do texto, explicitam o gênero do qual o texto participa (“envio *este e-mail* para...”, “o objetivo do *presente artigo* é...”, “na seção X *desta dissertação* vimos...”, “na *aula de hoje* vou analisar...”, etc.). Já os marcadores inferenciais indiciam parâmetros de modo implícito ou indireto e, por isso, precisam de um maior trabalho interpretativo, em que se ativam os saberes acerca do gênero de que o interpretante dispõe (ou que foi construindo) a partir da sua experiência com textos do gênero em questão. Em princípio, qualquer classe de mecanismo de realização textual pode vir a ser marcador de gênero (o léxico, a sintaxe, a organização enunciativa, os mecanismos de apresentação material como a tipografia e a variação cromática, etc.). Um dos exemplos mais evidentes desta classe de marcadores é a ocorrência

² Refiro-me, em particular, à equipe de pesquisadores em Teoria do Texto que está desenvolvendo o projeto “Gêneros de textos e organização do conhecimento”, do qual eu própria faço parte. Sobre a problemática específica dos parâmetros e mecanismos, ver Coutinho et al. (no prelo) e Gonçalves e Miranda (no prelo).

de expressões ritualizadas como “*era uma vez...*” (conto), “*venho por este meio solicitar...*” (carta) e “*possibilidade de pancadas de chuva / risco de chuva forte / céu nublado, com aberturas de sol*” (previsão do tempo).

Os marcadores podem, eventualmente, funcionar de forma isolada ou individual (ou seja, é possível que a partir da identificação de um único mecanismo possamos reconhecer o gênero), mas isto se verifica especialmente na ocorrência de marcadores auto-referenciais. Contrariamente, os marcadores inferenciais são indícios que o receptor apreende, na maioria dos casos, de forma interligada. Isto é assim porque os marcadores – tal como os parâmetros que indiciam – são *específicos* de um gênero, mas não *exclusivos*.

Para o estudo dos marcadores, proponho, no quadro de minha pesquisa, distinguir as seguintes dimensões semiolinguísticas da organização textual: temática (ou léxico-semântica), enunciativa, composicional, disposicional / apresentação material, estratégica / intencional e interativa³. Em cada dimensão, podemos identificar diferentes espécies de mecanismos com função de marcadores. Isto será observado melhor nos exemplos que veremos no ponto 4.

3. A intertextualização e os marcadores de gênero

Como já foi dito, neste trabalho procuro observar o papel dos marcadores de gênero no caso de uma modalidade de construção textual que apresenta características peculiares: o cruzamento de dois (ou mais) gêneros textuais no interior de um único texto, sendo que um dos gêneros é simulado ou ficcionalizado.

Isto que aqui denomino “cruzamento de gêneros” constitui um processo particular de textualização para o qual proponho o termo/conceito de *intertextualização*. Este processo pode ser sumariamente definido como aquele em que se estabelece uma relação de co-presença entre elementos (ou traços) associáveis a parâmetros de textualização que relevam de gêneros textuais diferenciados (dois ou mais) no espaço de um único texto. Em outras palavras, um dado texto que se inscreve em um gênero textual determinado, recorre à intertextualização quando introduz traços que se associam a outros gêneros diferentes do próprio⁴.

Em termos relacionais, o gênero do texto em questão é um gênero “convocante” que funciona por isso como um *hipergênero*, enquanto que os gêneros “convocados” constituem o que podemos denominar *hipogêneros*⁵. Trata-se, portanto, de uma relação de dominância em que os hipogêneros são integrados para, de alguma maneira, servir aos interesses dos hipergêneros.

A intertextualização pode assumir formas variadas. Os hipogêneros podem surgir atualizados ou ficcionalizados e podem preencher a totalidade do texto (no caso do pastiche global de um gênero) ou ser integrados como partes do texto. Sejam atualizados ou

³ Esta proposta está baseada em uma leitura crítica das contribuições de autores como Adam, Bronckart e Maingueneau. Uma apresentação pormenorizada desta proposta pode consultar-se em minha tese de doutorado. Para uma aproximação às propostas dos teóricos em que me baseio, ver, entre outros, Adam (2001), Bronckart (1999) e Maingueneau (2002).

⁴ Importa salientar que, do modo como eu o assumo, este processo deve ser diferenciado do fenômeno da “intertextualidade” (em sentido estrito), cuja especificidade é a de pôr em co-presença dois ou mais textos empíricos em um mesmo espaço textual. Apesar da proximidade da noção que aqui se propõe com a noção de “intertextualidade inter-gêneros” que Marcuschi (2003, p. 31) utiliza na seqüência dos trabalhos de Ursula Fix, o termo intertextualização não se limita aos casos em que existe, como diz Marcuschi, “uma mescla de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero”.

⁵ O emprego dos prefixos “hiper-” e “hipo-” surge aqui na seqüência de Gérard Genette (e de seus estudos sobre a transtextualidade), mas colocando o foco do problema nos gêneros e não só nos textos. Para a perspectiva genettiana da hipertextualidade, ver Genette (1982).

ficcionalizados, os hipogêneros podem participar de estratégias discursivas diversas (cf. MIRANDA, 2004).

No estudo da intertextualização, um dos problemas centrais é o reconhecimento do cruzamento genérico em um texto. Isto é: como é possível identificar os gêneros em interação? Vale explicitar que esta interrogação não pretende focalizar a questão cognitiva, mas o funcionamento da linguagem e, especificamente, a semiotização. Uma primeira resposta é que não se trata de um verdadeiro “cruzamento de gêneros” (o que implicaria assumir que o texto se inscreve em mais de um gênero), mas de um *efeito* de cruzamento de gêneros. Ou seja, o que se “cruzam” são parâmetros associados a gêneros diferentes. Estes parâmetros são observáveis (ou “recuperáveis”) através dos mecanismos que os concretizam. Deste modo, a identificação dos gêneros em interação é possível pela ocorrência de marcadores de gênero.

Em princípio, em um texto construído pelo processo de intertextualização, haverá marcadores do hipergênero e marcadores do hipogênero. Todavia, e dado que os marcadores são elementos semióticos, é possível que só ocorram marcadores do hipogênero e que o hipergênero apenas seja identificado por aspectos situacionais (produtor, suporte, etc.) e não por aspectos semióticos. Isto é particularmente observável nos casos de pastiches que incidem sobre a totalidade do texto.

A seguir, proponho observar dois textos em que há intertextualização, sendo que os hipogêneros são ficcionalizados (ou simulados). Através destes casos poderemos notar o papel dos marcadores para a identificação do jogo de ficcionalização.

4. Exemplificação: o papel dos marcadores em dois textos

O **texto 1** que apresento em anexo é um anúncio publicitário de um serviço de conexão à internet. Há, de fato, um conjunto de elementos (isto é, “marcadores”) que indiciam a atualização deste gênero. Por exemplo, no plano composicional, vemos a ocorrência de algumas seções características dos anúncios publicitários: um slogan, uma marca com seu logotipo e um segmento instrutivo com dados para a obtenção do produto. Estas seções têm, portanto, a função de marcadores inferenciais do (hiper)gênero.

Mas se este texto atualiza o gênero anúncio, há também a “convocação” de um gênero outro: o manual de instruções⁶. Este hipogênero é convocado para servir aos interesses argumentativos do anúncio e ocupa um espaço delimitável na globalidade do texto. De fato, apenas uma seção do anúncio (o corpo do texto) corresponde ao “manual de instruções”. A questão que se coloca é: como (através de que pistas) reconhecemos a presença do gênero instrutivo? Para responder a esta interrogação, é preciso identificar os marcadores genéricos.

É provável que o conjunto de marcadores que, no processo de leitura, se identifique em primeiro lugar diga respeito às dimensões *composicional*, *disposicional* e *interativa*. Mas há, também, marcadores das dimensões *temática*, *enunciativa* e *estratégica* que orientam nosso trabalho interpretativo. Vejamos alguns desses marcadores.

Dentre os **marcadores composicionais**, vale destacar a organização do plano de texto (cf. ADAM, 2002), que é composto por três grandes seções: o título, uma série de desenhos figurativos e uma série de enunciados que funcionam quase que como legendas. A componente verbal do plano de texto (título e “legendas”) conforma uma seqüência injuntiva (cf. BRONCKART, 1999, p. 237). Esta seqüência caracteriza-se pela construção de um encadeamento de ações (explicitadas nas “legendas”), que constituem passos necessários para

⁶ Cabe sublinhar que as “etiquetas” genéricas que estou utilizando podem ser substituídas por outras sem que isso prejudique a análise. Em princípio, para a caracterização dos gêneros é irrelevante o fato de o gênero ser nomeado socialmente por um único nome ou por múltiplas denominações. Assim, pouco importa, por exemplo, se o gênero deste texto é chamado de “anúncio publicitário” ou de “publicidade”.

atingir um resultado (explicitado no título). Em um nível mais local, há a ocorrência reiterada de frases imperativas, cuja composição interna é uma estrutura verbo + complemento.

Note-se que são os **marcadores disposicionais ou materiais** os que permitem discriminar as seções do plano de texto. De fato, é mediante a variação tipográfica e a paginação que, por exemplo, é possível distinguir o que é título do que é “legenda”. Por outro lado, a disposição de cada elemento das séries (desenhos ou enunciados), estabelece uma construção em cadeia que organiza a seqüencialidade das ações. A organização em formato de coluna permite que, no mecanismo de leitura em língua portuguesa (de cima para baixo e da esquerda para a direita), as ações sejam interpretadas como passos sucessivos, sendo que o primeiro passo será aquele que é introduzido na posição superior e o último passo será aquele que surge na posição inferior da série.

Por seu lado, o **marcador interativo** que joga um papel de destaque para a identificação do gênero instrutivo é a relação de redundância entre as componentes verbal e não verbal. O que é dito é, simultaneamente, mostrado nas imagens. É, em parte, graças a esta relação que se justifica o emprego excludente de expressões definidas (a embalagem, o CD Rom, o leitor de CD, etc.).

Também encontramos pistas para a identificação do hipogênero na organização léxico-semântica. O léxico é, de fato, um dos **marcadores temáticos** mais significativos. Neste caso, há, por um lado, um conjunto de termos técnicos ou próprios de uma área técnica – como é o caso da informática – (internet, CD Rom, computador, leitor de CD) e, por outro lado, um conjunto de itens lexicais que designam ações (pegar, abrir, pousar, colocar).

Em relação aos **marcadores enunciativos**, observa-se a ausência de indicadores temporais e espaciais (dêiticos) e de marcas da primeira pessoa. Além disso, vemos a ocorrência da segunda pessoa do singular em verbos (pegue, abra, pouse, coloque) e possessivos (seu).

Finalmente, destacam-se entre os **marcadores estratégicos / intencionais** a ocorrência reiterada do ato de linguagem da instrução – que se verifica em cada uma das “legendas” –, o apagamento do *eu* enunciador e das coordenadas temporais e espaciais, a reiteração lexical e a ausência de subjetivemas ou elementos valorativos.

Os marcadores levantados constituem pistas semióticas que nos permitem reconhecer o gênero convocado neste texto. Em princípio, todos estes marcadores atualizam parâmetros do hipogênero e, por isso, poderíamos assumir que há aqui uma atualização do gênero. No entanto, este segmento do anúncio publicitário não funciona como o manual que aparenta ser. Se, segundo é explicitado no título, as ações enunciadas e mostradas visam instruir acerca do processo de instalação da internet em casa, tais ações não correspondem a verdadeiros passos específicos desse processo. Com efeito, em um manual de instalação de software – como este pretende ser – não é preciso indicar o que os sujeitos devem fazer com a embalagem do CD Rom. Neste sentido, os enunciados “pegue na embalagem”, “abra a embalagem”, etc., não correspondem a formulações possíveis ou previsíveis neste gênero textual, tal como ele funciona na nossa sociedade.

Ainda no âmbito do conteúdo temático, a ocorrência da frase de encerramento “já está”, também é improvável em um texto deste gênero instrutivo. Então, existem duas possíveis leituras: ou se trata de uma atualização de gênero com falhas qualitativas, ou as “falhas” são intencionais e controladas. Para optar por alguma destas interpretações, e dado que este “manual de instruções” faz parte de um anúncio publicitário, é necessário levar em consideração a estratégia argumentativa construída no anúncio.

Neste texto, o argumento central surge explicitado no slogan: “fazer clix custa nix”. Este jogo de palavras entre o nome do produto (clix) e o neologismo criado ad hoc (nix) poderia ser reformulado nos seguintes termos: “fazer clix” = ligar o computador à internet e “custar nix” = não custar ou ser fácil. Assim, o argumento principal do anúncio está centrado

na simplicidade de emprego/instalação do produto oferecido. Por este motivo, não surpreende que o “manual” seja mostrado como um objeto inútil ou desnecessário: já que a instalação é fácil, o “manual” indica apenas o que deve ser feito com a embalagem do CD e com o próprio CD. Além disso, a ação de colocar um CD Rom no leitor do computador é evidentemente mecânica para qualquer usuário. O desmembramento desta ação em pequenas ações que são, de fato, de realização automática, é, portanto, um jogo estratégico de demonstração da simplicidade do processo. Aliás, se se tratasse de um “verdadeiro” manual de instalação de software seria preciso enumerar as ações que devem ser realizadas *a partir* da introdução do CD Rom no leitor e não as ações realizáveis *até* esse passo.

Em suma, a observação detalhada dos marcadores de gênero neste segmento do anúncio permite afirmar que, embora se atualize um grande número de parâmetros genéricos, há uma ficcionalização no plano do conteúdo temático. Isto se verifica no tipo de ações enunciadas e na ocorrência da expressão final “e já está”. Mais tarde, depois de comentar o segundo caso, voltaremos a este exemplar.

O **texto 2** reproduzido no anexo é também um caso de intertextualização. Este exemplo coloca alguns outros elementos para a discussão. Trata-se de um exemplar do gênero cartoon, tal como se explicita no marcador auto-referencial em posição peritextual. Neste gênero, bem como em outros gêneros próximos (por exemplo, as histórias em quadrinhos), o processo de intertextualização é freqüente e, talvez mais ainda, necessário. De fato, a natureza do cartoon é “convocar” gêneros outros para dentro de si. A esta propriedade podemos dar o nome de “intertextualização constitutiva”⁷. Neste caso, contrariamente ao texto 1, o hipogênero preenche a totalidade do texto.

Para a identificação do gênero convocado contribui um conjunto variado de marcadores. Vejamos, antes de explicitarmos qual o hipogênero, alguns desses marcadores. Do ponto de vista **composicional, disposicional e interativo**, notamos que as unidades verbais e não verbais compõem um plano de texto que se caracteriza pelas seguintes propriedades: 1) presença de uma imagem em posição central e de uma série de enunciados breves distribuídos na região superior e na região inferior do texto; 2) um dos enunciados é destacado graficamente pela tipografia, pela cor e pela localização na página (“destruição maciça”); 3) na região inferior há um segmento relativamente longo composto por uma enumeração; 4) a relação entre a imagem e os segmentos verbais é basicamente de ilustração (pois a imagem não complementa, substitui ou repete as informações dos enunciados).

No âmbito mais propriamente composicional, observa-se a ocorrência de um número elevado de frases nominais e a ocorrência de frases verbais reduzidas de participio. As frases verbais desenvolvidas surgem em menor número. Corresponde também ao plano da composição, a identificação de uma organização seqüencial de tipo descritivo, na qual se realizam essencialmente as operações de ancoragem (“destruição maciça” na função de tema-título) e aspectualização (cf. ADAM, 1992).

No âmbito da organização **temática**, encontramos um campo semântico saliente, constituído pelo léxico associado à cinematografia: argumento original, filme, realizador, actor principal, montagem, efeitos visuais, etc. Também fazem parte deste conjunto as expressões ritualizadas “nomeado para X óscares da academia”, “uma produção X” e “filmado em X”. Além disso, note-se a ocorrência reiterada de “melhor”, antecedendo os substantivos relativos ao campo cinematográfico.

É claro que estes não são os únicos mecanismos de realização textual que funcionam como marcadores de gênero neste texto. Todavia, estes elementos parecem suficientes para a identificação do gênero convocado: trata-se do gênero cartaz publicitário de filme cinematográfico.

⁷ À *intertextualização constitutiva* opõe-se a *intertextualização estratégica*. Esta distinção também é uma proposta desenvolvida em minha pesquisa de doutorado.

Tal como no texto 1, neste exemplo os marcadores atualizam parâmetros do hipogênero, mas é construída uma ficcionalização do gênero. Para chegarmos a esta conclusão é necessário observar, pelo menos, dois aspectos. O primeiro aspecto diz respeito à dimensão situacional do texto, especificamente ao sujeito-produtor e ao suporte de circulação: este exemplar é assinado por um sujeito – o que não acontece com os cartazes publicitários – e é publicado na seção de uma revista que, intitulada “sociedade recreativa”, se auto-identifica como um cartoon. O segundo aspecto é da ordem da organização temática: os nomes próprios que ocorrem no texto não correspondem ao mundo dos fazedores da ficção cinematográfica, mas ao mundo dos fazedores (contemporâneos ao texto) da realidade política anglo-americana: Tony Blair, George W. Bush, CIA e Serviços Secretos Britânicos, etc. Este texto ficcionaliza, então, um cartaz publicitário de um filme que, de fato, não existe nem poderia existir. Como vemos, este processo de ficcionalização de um cartaz publicitário do âmbito cinematográfico faz parte de uma estratégia de humor crítico.

Os dois exemplos observados são casos diferentes do processo de ficcionalização de gêneros, mas ambos coincidem no plano particular em que a ficcionalização se concretiza: na organização do conteúdo temático. Apesar desta coincidência, os dois exemplos permitem mostrar que o fato de existir uma ficcionalização ao nível do conteúdo temático não tem a ver exclusivamente com a mobilização de conteúdos ficcionais, como no caso do filme que nunca existiu referido no texto 2. Com efeito, note-se que no texto 1 não há conteúdos “de ficção”, mas há, sim, uma transgressão às normas (ou parâmetros) do gênero. Esta transgressão é de ordem temática, já que diz respeito, especificamente, ao conteúdo proposicional das ações enunciadas. Assim, ficcionalizar parâmetros de um gênero não é apenas introduzir elementos imaginários. É, também, subverter os possíveis de um gênero, criando uma realidade outra, na qual as transgressões já não são transgressões. Trata-se de um jogo de criação de uma situação de ação na qual tudo (em termos semióticos) é admissível. Em concreto: no texto 1, as ações enunciadas são inapropriadas relativamente às normas do gênero “manual de instruções”, de acordo com o funcionamento deste gênero em nossa vida quotidiana; porém, na ficção criada no anúncio (nessa realidade outra) este é um manual plausível.

Ora bem, qual o papel específico dos marcadores de gênero para a interpretação da intertextualização e, em particular, da ficcionalização de gêneros? Começamos por apontar que a identificação dos marcadores genéricos (auto-referenciais ou inferenciais) é um procedimento essencial no processo de leitura ou escuta dos textos. Mediante o reconhecimento destas pistas semióticas, os sujeitos são capazes de interpretar a inscrição genérica de um texto. Este processo de compreensão da filiação genérica do texto é fundamental para assegurar a comunicação (cf., entre outros, BAKHTIN, 1992, e MAINGUENEAU, 2002, p. 45-46).

No caso dos textos em que se propõem cruzamentos genéricos, os sujeitos distinguem – conscientemente ou não – indícios que se associam a configurações genéricas diferentes. Sem fazer esse trabalho interpretativo, os sujeitos-receptores não descobrem o jogo que os sujeitos-produtores propõem. Do ponto de vista da abordagem teórica e aplicada, a observação pormenorizada dos marcadores dos hipogêneros permite distinguir os mecanismos de realização textual que respeitam as normas do gênero dos mecanismos que as subvertem.

5. Considerações finais

A proposta de introduzir a noção de “marcador de gênero” no campo complexo da análise de gêneros textuais visa ao aprofundamento da problemática da identificação da inscrição genérica dos textos. Esta noção pretende dar conta dos elementos semióticos que orientam os sujeitos em seu trabalho interpretativo e precisaria, ainda, ser complementada por estudos que abordassem a questão do processamento cognitivo destes indícios.

A observação dos marcadores através da análise da intertextualização – enquanto processo que põe em relação de co-presença dois ou mais gêneros no interior de um texto – constitui uma via de entrada privilegiada à problemática da filiação genérica do texto. Mas, simultaneamente, o estudo lingüístico da intertextualização apenas é possível mediante um trabalho de discriminação dos marcadores. Em outras palavras, tanto o processo como os gêneros em interação só podem ser cabalmente caracterizados recorrendo a uma categoria de análise que dê conta das pistas semióticas que norteiam o trabalho interpretativo dos sujeitos. Por isso, o papel dos marcadores é central para o estudo da intertextualização.

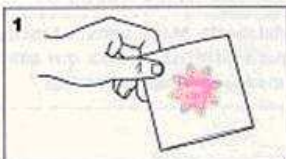
No caso específico da ficcionalização de gêneros, que é sempre produzida no quadro de uma intertextualização, os marcadores também têm uma função de destaque. A discriminação destes indícios permite detectar a dimensão (ou dimensões) semiolingüística(s) em que surgem elementos ficcionais ou transgressores e permite, paralelamente, pontualizar o mecanismo (ou mecanismos) particular(es) em que a ficção/transgressão se verifica. Este trabalho de discriminação possibilita igualmente compreender que a ficcionalização de um gênero não implica a subversão total dos parâmetros genéricos. De fato, para reconhecer o gênero ficcionalizado alguns parâmetros devem ser necessariamente atualizados sem transgressões absolutas.

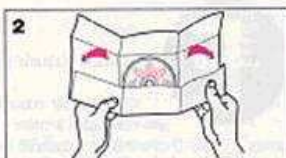
Os dois exemplos observados mostram modos diferentes de ficcionalização de gêneros e, também, de participação dos marcadores neste processo. Em um caso (texto 2), constrói-se um tema/objeto ficcional: o filme de que o texto fala não existe. No outro caso (texto 1), há uma transgressão aos parâmetros temáticos do gênero, já que são introduzidos tópicos não previstos pelo gênero em questão.

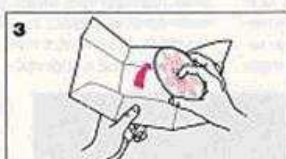
Um último aspecto que vale a pena sublinhar é que a ficcionalização de gêneros (ou seja, a ficcionalização ou transgressão de parâmetros) não se realiza unicamente no plano da organização do conteúdo temático. De modo que podem existir textos em que se realizem mecanismos enunciativos ou composicionais, por exemplo, que indiquem a convocação ficcional de um gênero diferente daquele no qual os textos se inscrevem. Por isso, a escolha dos dois exemplos comentados não deve levar a concluir que os marcadores temáticos constituem as únicas pistas possíveis para a identificação do fenômeno. Na verdade, hipoteticamente, qualquer classe de marcador poderia preencher essa função. Para descobrir casos que demonstrem isto, apenas é preciso continuar a observar com curiosidade o infinito mundo textual que nos rodeia.


Anexos


Como instalar a Internet em sua casa:


- 

Pegue na embalagem.
- 

Abra a embalagem.
- 


Pegue no CD-ROM.
- 

Posse a embalagem.
- 

Abra o leitor de CD do seu computador.
- 

Coloque o CD-ROM no leitor de CD e já está.

FAÇA O SEU CD-ROM GRÁTIS NOS HIPERMERCADOS MGDELO E CONTINENTE E NAS LOJAS WORTEN, VOBIS, SPORTZONE, BONJOUR, MAX OFFICE, MAX MAT E STAR.

fazer clix custa nix 

Texto 1. Publicado em 11 de novembro de 2001, in *Notícias Magazine* (Portugal), p. 101

Sociedade
recreativa

um cartoon de
Luís Afonso

AS FORÇAS DO MAL REUNIRAM UM PODER DE DESTRUIÇÃO INIMAGINÁVEL

DESTRUIÇÃO MACIÇA

SÓ A CORAGEM E A DETERMINAÇÃO PODERÃO SALVAR O MUNDO

UMA HISTÓRIA MARAVILHOSA E COMOVENTE



NOMEADO PARA 10 ÓSCARES DA ACADEMIA

MELHOR ARGUMENTO ORIGINAL (CIA E SERVIÇOS SECRETOS BRITÂNICOS) - MELHOR FILME
MELHOR REALIZADOR (DONALD RUMSFELD) - MELHOR ACTOR PRINCIPAL (GEORGE W. BUSH)
MELHOR ACTOR SECUNDÁRIO (TONY BLAIR) - MELHOR ACTRIZ (CONDOLEEZA RICE)
MELHOR MONTAGEM (COLIN POWELL) - MELHOR CANÇÃO (GOD BLESS AMERICA)
MELHORES EFEITOS VISUAIS - MELHOR SOM

UMA PRODUÇÃO AMERICAN OIL COMPANY - FILMADO PARCIALMENTE NOS AÇORES

M.12

4 PÚBLICA

Texto 2. Publicado em 8 de fevereiro de 2004, in *Revista Pública* (Portugal), p. 4.

Referências

- ADAM, Jean-Michel. Plan de texte. In CHARAUDEAU, Patrick., MAINGUENEAU, Dominique. *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Seuil, 2002.
- _____. En finir avec les types de textes. In BALLABRIGA, M. *Analyse des discours. Types et genres: Communication et Interprétation*. Toulouse: EUS, p. 25-43, 2001.
- _____. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail . *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 1992.
- BRONCKART, Jean-Paul. Les genres de textes et leur contribution au développement psychologique. *Langages*, n. 153, p. 98-108, 2004.
- _____. *Atividades de Linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC. 1999.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
- COUTINHO, Maria Antónia; ALVES, Marisa, GONÇALVES, Matilde; MIRANDA, Florencia & PINTO, Rosalice. Parâmetros de géneros e mecanismos de realização textual – aspectos teóricos. *Diácritica*, v. 21, n. 1. 2007. (no prelo).
- GENETTE, Gérard (1982): *Palimpsestes*. Paris: Seuil.
- GONÇALVES, Matilde e MIRANDA, Florencia, Analyse textuelle, analyse de genres: quelles relations, quels instruments? Mimeo. Apresentado no Colloque International des Etudiants chercheurs en Didactique des Langues et en Linguistique, Grenoble, Université Stendhal, julho de 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz António. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A. P., A.R. Machado & M^a A. Bezerra. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, pp. 19-36. 2003.
- MIRANDA, Florencia. Aspectos do cruzamento de géneros como estratégia discursiva.
- MARQUES, Maria Aldina et alii. *Práticas de Investigação em Análise Linguística do Discurso*. Braga: Universidade do Minho, p. 195-211, 2004.
- MOIRAND, Sophie. Quelles catégories descriptives pour la mise au jour des genres du discours ? Disponível em http://icar.univ-lyon2.fr/Equipe1/actes/journees_genre.htm Consultado em janeiro de 2004.
- RASTIER, François. *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF. 2001.